

A FORMAÇÃO LINGUÍSTICA DA PROFESSORA ALFABETIZADORA

Grasiela de Oliveira Darski¹

Maria Aparecida Lapa de Aguiar²

Eixo temático 7: Alfabetização e formação inicial e continuada de professores

Resumo

Neste trabalho propõe-se apresentar as contribuições dos cursos de Pedagogia para a formação linguística da professora alfabetizadora. Para tanto, analisou-se documentos de cursos de Pedagogia (Projetos Políticos Pedagógicos (PPP), ementas e matrizes curriculares), que se encontravam disponibilizados nos sites de quatro universidades, sendo uma federal, uma estadual, uma municipal e uma comunitária, todas localizadas no estado de Santa Catarina. Primeiramente, foi feito um estudo sobre alfabetização, letramento, formação inicial e linguística da professora alfabetizadora; em seguida, debruçamo-nos sobre o estudo da documentação recolhida. Após análise, baseando-se nos eixos: a formação linguística da professora alfabetizadora e as concepções de alfabetização engendradas pelas instituições pesquisadas, constatou-se que, embora as instituições elencadas para o estudo abordem algumas especificidades linguísticas necessárias para a formação da professora alfabetizadora, ainda é necessário promover o aprofundamento desses conhecimentos para que as pedagogas possam efetivar mediações que contribuam para que as crianças compreendam e se apropriem da organização da língua escrita em contextos de práticas sociais de maneira que se constituam sujeitos na e pela linguagem. Em nossa perspectiva, aprender as relações próprias do sistema de escrita torna-se importante para que possamos acessar aos gêneros que circulam socialmente e, por meio deles, ampliar as possibilidades advindas da cultura escrita.

Palavras-chaves: Pedagogia; Professora alfabetizadora; Formação linguística.

Introdução

A formação docente constitui um campo de estudos de grande relevância entre os/as pesquisadores/as das Ciências da Educação e a formação inicial da professora alfabetizadora, pode ser considerada um recorte desta formação com especificidades e isso

¹Mestra em Educação pela UFSC. Supervisora Escolar da Rede Municipal de Florianópolis. Contato: grasieladarski@gmail.com

²Professora do Departamento de Estudos Especializados em Educação do Centro de Ciências da Educação da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Contato: lapa.aguiar@ufsc.com

se justifica por se tratar de profissionais que darão início a uma das fases mais importantes da Educação Básica, com a responsabilidade de oferecer às crianças acesso ao mundo da leitura e da escrita, permitindo-lhes compreender o contexto sociocultural no qual estão inseridos, abrindo-lhes as portas ao mundo letrado.

Ao considerar a formação da professora alfabetizadora como algo importante para uma prática pedagógica consequente, faz-se necessário conhecer melhor as múltiplas facetas que envolvem o processo de ensino e aprendizagem da língua escrita. Soares (2017, p. 28-29) orienta a pensar sobre três principais facetas: a linguística (representação visual da cadeia sonora da fala), por ela denominada de alfabetização propriamente dita, a interativa (interação entre as pessoas pela linguagem) e a sociocultural (usos, funções e valores atribuídos à escrita em contextos variados); estas duas últimas facetas a autora trata como letramento.

De acordo com Soares (2017), as competências que abrangem o eixo linguístico nos permitem perceber as regularidades e irregularidades do processo de alfabetização que envolve um direcionamento da estrutura sonora da fala para a constituição gráfica da escrita; entretanto, esta consciência sobre a organização do sistema de escrita só tem sentido se considerarmos também os aspectos discursivos, ou seja, aprender as relações próprias do sistema de escrita torna-se importante para que possamos acessar aos gêneros que circulam socialmente e deles fazer uso para nossa própria inserção no mundo letrado.

Convém dizer também que é papel da universidade em seus cursos de formação de professores/as (Pedagogia) fornecer os saberes primordiais necessários à formação docente para a fase de alfabetização, oportunizando conhecimentos específicos e metodologias para ensinar, compartilhando práticas e experiências próprias para este nível de ensino, atrelando a tudo isso uma formação profissional voltada para o protagonismo docente e também discente, considerando os dois polos (professora-criança) como essência da relação pedagógica.

As reflexões neste estudo privilegiaram a especificidade da formação docente diretamente interessada na fase de alfabetização e, com esse intuito, com a ótica voltada para o aspecto linguístico, trazemos a questão norteadora: qual a contribuição dos cursos de Pedagogia para a formação linguística da professora alfabetizadora?

A partir desta questão surgiram outras indagações: quais são os conhecimentos específicos que as professoras precisam saber sobre alfabetização em sua formação inicial? A formação inicial contempla o conhecimento linguístico necessário para a práxis da alfabetização, compreendida em sua dimensão linguística e simultaneamente como constituição de sentido sobre a cultura escrita, como prática de letramento? Quais outros conhecimentos em alfabetização e letramento os cursos de Pedagogia abordam na formação inicial?

Deste modo, o estudo teve como objetivo principal analisar a contribuição dos cursos de Pedagogia na formação linguística da professora alfabetizadora. Para alcançar o objetivo geral, desdobraram-se também alguns objetivos específicos:

- Aprofundar os conceitos de alfabetização e letramento.
- Investigar os conhecimentos linguísticos necessários à formação inicial da professora alfabetizadora nos seus diversos aspectos para a prática da alfabetização.
- Conhecer as ementas e os currículos dos cursos de Pedagogia das universidades aqui denominadas A, B, C e D.
- Tecer aproximações e distanciamentos sobre conhecimentos linguísticos relevantes na formação inicial da professora alfabetizadora entre as universidades pesquisadas.

A pesquisa apresentou uma abordagem qualitativa e exploratória, visando o estudo e a análise documental. Sobre esse aspecto, afirma Gil (2002, p.41): “os estudos exploratórios não elaboram hipóteses a serem testadas no trabalho, restringindo-se a buscar maiores informações sobre determinado assunto de estudo”. Para tanto, desenvolvemos um estudo de caráter histórico sobre a formação de professores com a especificidade para a formação da alfabetizadora e aprofundamos os conceitos de alfabetização e letramento, basilares para essa discussão.

Posteriormente, partimos para o estudo dos documentos das instituições escolhidas para a pesquisa. A pesquisa documental permitiu a realização de um estudo centrado nas questões de investigação, vinculado diretamente aos dados de análise, a saber: os Projetos Políticos Pedagógicos dos cursos de Pedagogia das Instituições A, B, C e D, os currículos dos cursos e as ementas das disciplinas, coletados nos sítios eletrônicos disponíveis. Nesta perspectiva, desenvolveu-se um trabalho de coleta, leitura dos dados para posterior consulta, confrontação, compreensão, interpretação e análise.

Os entrelaçamentos conceituais aconteceram a partir de eixos norteadores previamente selecionados de acordo com os objetivos traçados, formação inicial, formação linguística da professora alfabetizadora, alfabetização e letramento.

2 Fundamentação teórica

Desde o início da implantação da escolarização, a alfabetização em nosso país foi associada à questão dos métodos de marcha sintética ou de marcha analítica, que eram sempre motivo de embates teóricos. Com a descentralização do ensino, institucionalizada pelo governo; com a oferta do ensino público e gratuito e a autorização de certa autonomia didática, os professores passaram a se utilizar dos métodos mistos.

Somente a partir do início da década de 1980, as mudanças políticas e sociais fizeram com que se repensasse na questão dos métodos, com a finalidade de enfrentar os altos índices de fracasso escolar, pela dificuldade de apropriação da leitura e da escrita no primeiro ano da escola. Neste mesmo período, introduziu-se no Brasil o pensamento construtivista sobre alfabetização, como tentativa de desmetodização.

A teoria resultante dos estudos das pesquisadoras Emília Ferreiro e Ana Teberosky (1986), sobre a psicogênese da língua escrita, passou a fazer parte também dos discursos oficiais e a permear normatizações, documentações e orientações pedagógicas e metodológicas, as quais alcançavam os professores dos anos iniciais. Porém, o ‘Construtivismo’ não se constituiu como um novo método, mas como uma tentativa de desmetodização, que segundo Soares (2017, p. 22), apontava para uma “desvalorização do método como elemento essencial e determinante no processo de alfabetização”, com a apresentação de uma nova fundamentação teórica e conceitual, que na verdade propunha um diferente processo de alfabetização, como um mecanismo processual e construtivo com etapas sucessivas e hipotéticas com deslocamento do foco para o sujeito que aprende e como aprende a língua escrita.

Cabe registrar que também fez parte das perspectivas teóricas dos anos de 1980 e 1990 a abordagem histórico-cultural de Vigotski e a perspectiva discursiva de linguagem de Bakhtin e as contribuições de ambos os autores impactaram documentos oficiais, currículos e pesquisas de modo geral.

Ainda se faz necessário destacar que surgem também discussões em torno dos estudos do letramento, este termo é introduzido no ano de 1986, por Mary Kato em seu livro “No mundo da escrita” e outras autoras também abordaram este tema com sentidos variados, como Kleiman (1995, p. 19), Tfouni (1988), Soares (2017).

Na atualidade, o conceito de letramento ainda se põe como polêmico entre os/as pesquisadores/as da área de alfabetização. Por exemplo, quem defende alfabetização como perspectiva discursiva na esteira do que apresentou Smolka (1989) na década de 1980, tem levantado questionamentos a respeito da necessidade ou não de mantê-lo ao lado da alfabetização, visto que, na concepção discursiva só faz sentido ensinar por meio da linguagem viva, o que não justificaria outro termo, a alfabetização seria inerentemente discursiva.

3 Resultados e Discussão

De acordo com o mapeamento feito nesse estudo, foi possível perceber que os programas dos cursos de Pedagogia das quatro universidades abordam conteúdos

linguísticos em suas matrizes curriculares, contudo, também revelam defasagens no que se refere a esse embasamento necessário para a tarefa de alfabetizar.

As ementas das disciplinas da Universidade A sugerem-nos que há conhecimentos linguísticos contemplados de modo geral, bem como, referências a concepções de alfabetização que aproximam alfabetização e letramento, que consideram a elaboração de sentido por meio da escrita e que apontam para práticas cotidianas de leitura e formação de leitores.

Mesmo com esses destaques, deixamos o registro de que a carga horária para essas disciplinas não necessariamente é suficiente para o adensamento de todas essas questões e não há uma demarcação incisiva sobre uma concepção específica de alfabetização, mas há ênfase em aspectos que se coadunam com a abordagem histórico-cultural/discursiva de linguagem.

Analisando de forma conjunta as ementas das três disciplinas obrigatórias apresentadas no curso da Universidade B, constatamos poucos tópicos voltados para o embasamento linguístico da professora alfabetizadora, nota-se alguns conteúdos pertinentes, porém, com pouco aprofundamento e carga horária insuficiente para as unidades citadas e descritas.

Nas ementas das disciplinas voltadas para a alfabetização, a instituição B evidencia um trabalho que retrata certos conhecimentos linguísticos necessários para a professora alfabetizadora (aquisição, estrutura da língua, análise linguística) e, ao mesmo tempo, explicita uma concepção de alfabetização que leva em conta esses aspectos e os discursivos (produção de textos, gêneros textuais). Evidencia-se também a intenção de trabalho com o conceito de letramento e é indicado o estudo dos Parâmetros Curriculares Nacionais que, em certa medida, traduzem tendências contemporâneas de alfabetização que mesclam a abordagem de viés construtivista e histórico-cultural/discursiva.

Observando o conjunto de disciplinas de toda a matriz curricular do curso de Pedagogia da Instituição C e também o objetivo geral do curso, evidencia-se a ênfase da formação pedagógica com mais afinco para a Educação Infantil e assim compreendemos o motivo pelo qual temos somente duas disciplinas trabalhando conteúdos destinados à alfabetização em modo “flash didático”.

Nota-se uma preocupação com o domínio da língua materna por parte da futura pedagoga, pois observamos na matriz curricular a presença de disciplinas que oferecem um suporte linguístico, olhando questões de desenvolvimento da escrita que, em nossa percepção, fomentam o conhecimento linguístico para o desenvolvimento da docência na alfabetização.

A instituição C aborda em suas ementas de disciplina aspectos importantes para a formação da alfabetizadora no que diz respeito a questões peculiares da linguística, em consonância com aspectos voltados para a produção de sentido, portanto, em uma concepção que sugere o trabalho com alfabetização e letramento. Muito embora, consideramos também que o tempo despendido para o desenvolvimento desses conteúdos nas disciplinas analisadas não são suficientes para os aprofundamentos necessário para a formação linguística da professora alfabetizadora.

A instituição D explicita em sua ementa aspectos relacionados à formação linguística que pretende oferecer aos seus estudantes de forma bastante minuciosa (o Sistema Gráfico da Língua Portuguesa, oralidade e escrita, ortografia, conteúdos gramaticais). Podem parecer não totalmente suficientes, mas cabe ainda destacar que essa instituição inclui também a discussão sobre os métodos e evidencia concepções de alfabetização sobre as quais versará ao longo do semestre, inclusive citando autores em quem se apoiará (contribuições de Lev Vygotsky, Alexander Luria, Emília Ferreiro, Ana Teberosky e Paulo Freire).

Ainda vale ressaltar, que as ementas sinalizam para o trabalho com gêneros discursivos e com a interação em sala de aula, indícios próprios da abordagem histórico-cultural/discursiva de linguagem, muito embora também indique autores da abordagem construtivista, o que pode apontar para um apanhado geral das tendências postas historicamente para as discussões na área de alfabetização. Sabemos que o tempo dedicado para estes aprofundamentos nem sempre correspondem ao necessário, ao suficiente e que a organização de uma matriz curricular é sempre um campo de disputas.

Em síntese, notou-se nos cursos de Pedagogia das instituições exploradas, uma pulverização de disciplinas com as mais distintas direções, um grande leque de informações, que abordam superficialmente conteúdos em várias direções teóricos-metodológicos e, desta forma, torna-se difícil o aprofundamento do conhecimento em todos eles, e talvez, seja essa a tendência, apresentar um conhecimento básico inicial para posterior aprofundamento no decorrer da profissionalidade docente.

Após toda a trajetória desta pesquisa foi possível perceber que a formação linguística da professora alfabetizadora acontece de forma aligeirada, dedicando-se a essa formação em torno de 200h/a e aproximadamente 5% das disciplinas totais do curso, levando em consideração as instituições C e D, que trazem em seus currículos apenas duas disciplinas cada, direcionadas à formação da professora alfabetizadora. E, aproximadamente, 10% das disciplinas, tratando-se das instituições A e B, considerando as disciplinas optativas.

Esses dados nos fazem refletir se seria possível com essa formação inicial a professora alfabetizadora dominar o objeto de ensino – conhecimento sobre a língua portuguesa - em toda a sua magnitude, com propriedade, para adentrar às salas de aula de

alfabetização? Estariam as alunas egressas dos cursos de Pedagogia, preparadas o suficiente para estrear como alfabetizadoras? Estariam essas futuras profissionais seguras para o ato de alfabetizar? Essas são questões que não podem ser respondidas de imediato, contudo merecem a devida atenção.

4 Considerações Finais

As professoras alfabetizadoras são responsáveis pela mediação dos saberes necessários ao aprendizado da língua portuguesa, portanto, é imprescindível que tenham pleno domínio do objeto de ensino, a linguagem escrita, e que os conceitos relacionados a este objeto sejam explorados em todo o processo de formação profissional, os quais, sinteticamente, apresentamos a seguir:

- Aspectos fonológicos (relação fonema/grafema).
- Noções gerais sobre o Sistema de Escrita Alfabético/ortográfico.
- Processos de produção textual e leitura: aspectos gráficos (como se escreve) e discursivos (Para que? Para quem? Por quê?).
- Reconhecimento da importância do ensino da linguagem escrita em contexto de letramento/em situações discursivas.
- História dos métodos (para conhecimento e contraposições).
- Concepções de alfabetização.

Alfabetizar é conduzir um processo de apropriação da leitura e da escrita dentro de um contexto de práticas sociais, entendendo e dominando os aspectos teóricos-metodológicos para atuar com clareza da concepção de alfabetização adotada e praticada.

Defendemos, assim, uma formação inicial voltada para a alfabetização em que as futuras alfabetizadoras tenham pleno domínio dos saberes essenciais ao ensino da língua, sem perder de vista os procedimentos teórico-metodológicos e didáticos para uma prática educativa comprometida com uma educação inclusiva, democrática e libertadora.

Concluimos, portanto, que se faz necessário a continuidade de pesquisas relacionadas à formação inicial da professora alfabetizadora, no intuito de fomentar uma prática pedagógica que realmente contribua para que nossas crianças se tornem capazes de interagir com a escrita nas práticas sociais de maneira que se constituam sujeitos na e pela linguagem.

Referências

FERREIRO, E.; TEBEROSKY, A. **Psicogênese da língua escrita**. Tradução de Diana Myriam Lichtenstein et al. Porto Alegre: Artes Médicas, 1986.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. Ed. - São Paulo: Atlas, 2002.

KATO, M. A. No mundo da escrita: uma perspectiva psicolinguística. 7ª Ed. São Paulo: Ática, 2003.

KLEIMAN, A. Modelos de letramento e as práticas de alfabetização na escola. In:_____ **Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita**. Campinas: Mercado de Letras, 1995.

MORTATTI, M. do R. **Métodos de alfabetização no Brasil: uma história concisa**. São Paulo: Editora Unesp Digital, 2019.

PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO DO CURSO DE PEDAGOGIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA, 2019. Disponível em: <https://pedagogia.ufsc.br/coordenadoria-do-curso/>. Acesso em: 11 de março de 2019.

PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO DO CURSO DE PEDAGOGIA DA UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA, 2019. Disponível em: <https://www.udesc.br/faed/pedagogia/projetopedagogico>. Acesso em: 14 de março de 2019.

PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO DO CURSO DE PEDAGOGIA DO CENTRO UNIVERSITÁRIO MUNICIPAL DE SÃO JOSÉ, 2019. Disponível em: <https://usj.edu.br/ensino/graduacao/cursos/pedagogia/>. Acesso em: 26 de março de 2019.

PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO DO CURSO DE PEDAGOGIA DA UNIVERISDADE COMUNITÁRIA DA REGIÃO DE JOINVILLE, 2019. Disponível em: https://www.univille.edu.br/community/novoportal/VirtualDisk.html/downloadDirect/945807/PC_PEDAGOGIA_2015.pdf. Acesso em: 26 de março de 2019.

SOARES, M. **Alfabetização: a questão dos métodos**. 1. ed. 1ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2017.

TFOUNI, L.V. **Adultos não alfabetizados: o avesso do avesso**. Campinas: Pontes, 1988.